

## A ULTIMA PENNA



— Apesar dos governos de vossa magestade me havrem *depenado* a ponto de fazer pena, deixando-me apenas os canos das pennas no sitio onde eu havia de trazer os canos das botas, resta-me ainda esta *penna*, que lhe offerço sem pena, e com a qual vossa magestade ficará apenado para toda a vida, ficando eu *depenado* para o resto dos meus dias.

## Por ahí...



O mundo catholico solemnisar hoje com des-cantos e *Te-Deums* a festa de um dos santos mais populares do nosso orbe.

E não é só o mundo catholico que está em festa. O mundo profano também se permite, a despeito da sua indifferença pelos santos, afinar n'esse côro de hosana ao glorioso thaumaturgo.

Quem ha ahí—mesmo tão despido de preoccupações beatas como a Pepa se despe de roupas no *Tim Tim por tim tim*—que não tenha queimado n'este festivo dia a sua bicha de rabião, o seu val-verde ou a sua rodinha?

Ninguem, decerto! O que quer dizer que todos, mais ou menos, catholicos e profanos, mais *Te-Deum* para aquí, mais *tric-trac* para acolá, collaboramos na festa de Santo Antonio.



E' que Santo Antonio foi um dos santos mais divertidos do seu tempo, uma especie de Oliveira Mattos em cheiro de santidade, que em vez de massar o beaterio com a rhetorica estopante de que todos os seus collegas faziam uso e abuso, se entretinha e entretinha a gente a concertar bilhas quebradas, florir latadas seccas e praticar em summa toda a casta de milagres espectaculosos e divertidos, de mutações á vista, genero este que a uma pessoa sempre agrada, quer derive d'um santo, quer se mostre na Pera do Satanaz.

A verdade é que n'este vale onde vivemos, e apesar de elle ser de lagrimas, o que mais nos agrada é o que mais nos diverte, e assim se explica esta sympathia por Santo Antonio, sympathia que se patenteia em manifestações alegres de buscapés irrequietos e de pistolinhas multicolors.



A consagração da sympathia popular affirma-se em geral mais accentuadamente pelo genero das manifestações alegres, joviaes, no fundo boas, sinceras, despretenciosas.

E vem agora a pello citar a nova marca de bolachas que a fabrica da Pampulha, de Eduardo Costa, acaba de dedicar ao *Diario de Noticias*, popularisando por esta forma original a memoria de Eduardo Coelho, cujo retrato encima as caixas.

Na apparencia extravagante, como as fogueiras que se queimam immortalizando a memoria do Santo, esta manifestação das bolachas tem uma feição puramente popular—a mais verdadeira e a mais sincera, como seja por exemplo a consagração do assobio, sem o qual não ha musica celebre—porque é incontestavelmente o assobio que affirma o merecimento das operas verdadeiramente notaveis.



A's festas de Santo Antonio seguir-se-hão as festas de S. João e as de S. Pedro, sendo portanto a segunda metade d'este mez uma quinzena de Santos.

Por extraordinaria coincidencia, a outra metade foi uma quinzena dos demonios.

(Declaremos entre parenthesys que a outra metade que foi uma quinzena dos demonios não tem relação com a famigerada *outra metade* de que rezam as chronicas politicas; mesmo porque esta não foi apenas uma *quinzena*: foi uma fatiota completa e de casimira da mais fina.

Referimo-nos pois á primeira parte d'esto mez e nomeadamente á semana que acaba de decorrer, a qual foi effectivamente de todos os demonios.



Se até os velhos brigaram!

Foi briga que não passou de lingua, diga-se a verdade, mas nem por isso menos avantajada, por que é precisamente n'esse orgão que os velhos concentram toda a energia e toda a actividade de que porventura em moços hajam dado prova...

O conselheiro Barbosa do Bocage—o ministro *Yborra*, que nós cantámos ha bons annos—e o conselheiro Barros e Sá—o ministro *Bazorra*, que nós também cantámos, por esse tempo em que *Yborra* e *Bazorra* eram, politica e pessoalmente, considerados *duo in carne uno*—em summa, os dois conselheiros amigos e de rima em *orra*, brigaram de lingua na camara dos pares, dizendo-se as ultimas que dizer se podem, mesmo na consoante de *Yborra* e de *Bazorra*!



Felizmente que tudo acabou em bem e que os dois conselheiros, depois de mutuamente se ferirem a golpes de lingua, se congrassaram, empregando as mimosas linguas com que se haviam agredido para affectuosamente se lamberem um ao outro.

Por esse facto, physicamente considerado, não damos os parabens nem a um nem a outro; mas, sob o ponto de vista moral, com cordialidade os felicitamos por haverem lambido com a lingua o sangue que a mesma lingua anteriormente produzira.

Mal comparado, a mordedura de cão curando-se com o cabelo do mesmo cão.

Oxalá, entretanto, que não haja posterior derramamento de sangue, para não succeder que os conselheiros, depois de lamberem o *anterior*, tenham de fazer ao *posterior* exactamente a mesma coisa.

*Por Jaracutuba*

## O SEU A SEU DONO



COP. D'UMA PHOTOGRAPHIA DE  
JULIO GUERRA

Por uma omissão indesculpavel, não escrevemos o nome de Julio Guerra, no nosso numero penultimo, ao darmos os *croquis* dos costumes da actriz Pepa, na *Revista*. Esses *croquis* são copia dos *clichés* maravilhosos que o nosso amigo Julio Guerra nos cedeu, e dão mais uma prova do muito que pôde uma vocação de artista, apoiada no estudo e no trabalho.

## De raspão...



Baixou da rainha ingleza um decreto, em que se manda interromper os estudos aos aspirantes do exercito, des'que estes não tenham calligraphia apresentavel.

O decreto não reza uma palavra a respeito da orthographia e da grammatica, parecendo insinuar que a officialidade britannica, se por um lado até aqui escrevia gafafunhos illegiveis, era por outro correctissima no tocante aos *ll* dobrados, aos *cc* com cedilha, e aos minuciosos segredos da concordancia e da syntaxe. Verdade seja que escrevendo os officiaes com uma letra incomprehensivel, era impossível saber-se, se escreviam certo ou asneado.

Transpondo porém a coisa a Portugal, e presupondo que S. M. o rei se decidia a intervir na educação dos jovens aspirantes do nosso exercito, iamoa jurar que não seria pela calligraphia que as reprimendas reaes haviam começar — a julgar pela carta de namoro que vamos transcrever do *Illustrado*.



### «4 de maio — Aspirante.

Anjo querido eu te saúdo por bem estar, çei que tens çofrido muito, tomarei o teu çofrimento, estibe de cama um mez e doze dias, não pences que me esqueci de Ti, cada vèz me lembro maes. Aleim da minha doença, tenho paçado martyrios, peço-te qui me não acabes com o amor, pois eu sou feliz porque tenho isperado que venha uma corõa para os nossos dous corações. Não tem explicações as soidades que tenho de te ver, vi as tuas cartas n'uma neve de pocira, estou desesperado com uma dôre que me vem de ti. Soidades.\*

O leitor ostá perscrutando a situação physiologica e moral d'este aspirante que—elle o declara, com a maior sinceridade—tomou o çofrimento do anjo querido, e depois de o tomar esteve de cama um mez e doze dias, passando martyrios, até ver as cartas do anjo n'uma neve de pocira, e vir a cahir com dôres, que para cumulo lhe vinham do anjo supradito...

E' contra todas as imposições da anatomia humana, e das briosas tradições militares de Portugal, que nós diagnosticaremos, pela missiva supra, um caso unico e anormal em ventre de homem. Mas de duas, uma. Ou o senhor aspirante signatario da missiva, no dia 4 de maio estava tolo, ou em caso contrario—estava gravido. As suas declarações são catheticas, e d'uma precisão scientifica, que o estylo poetico nem por um instante consegue disfarçar. Se ainda çesse tempo,

A VIDA DE SANTO ANTONIO

A TENTAÇÃO  
(Cop. de Busch)



I

Santo Antonio mercencio,  
A' carteira, n'um recanto,  
Estudava o latinorio  
Com que a gente se faz santo.



II

P'ra tentar o santo e erente  
Que lê coisas da doutrina,  
Surge um dia, de repente,  
Uma esvelta bailarina.



III

Falla a bella em terno goso,  
Tão bregeira e tão travêça,  
Que o santinho, de nervoso,  
Põe-se a coçar na cabeça!



IV

De chegar-se e mais chegar-se  
Tanto se chega por fim,  
Que o santinho—por disfarce—  
Mette as ventás no latim...



V

Sobre o santo se debruça,  
Mil caricias faz e diz,  
Tira ao santo a carapuça  
Arrebita-lhe o nariz...



VI

E depois, em gesto bello,  
Faz um passo tão ladino,  
Que metta n'um chinello  
Trez mil passos do Justino!



VII

Tendo ao santo feito espanto,  
De dançar emfim repoua,  
E agarrar-se vac ao santo  
Como quem não quer a coisa.



VIII

Mas o santo, ao notar isto,  
Cae em si... que não quer...  
—Cruz por... antes de Christo  
De que a cruz... uma mulher...



IX

Vendo a cruz que o santo mostra  
Foge a bailarina á toa,  
E fugindo logo amotra  
Ser o Demo—elle, em pessoa!!!



X

Vendo assim que a rapariga  
Era o Demo—um machacaz—  
Diz-lhe o santo, a fazer liga:  
—Vade retrò, Satanaç!

aconselhariamos ao lamuriento homem-phenomeno, voltasse outra vez ao bom caminho, procurando no matrimonio a rehabilitação da sua escorregadella, e fechando a bocca ao mundo, pela sagração dos laços religiosos. Tudo é bom quando acaba bem.—Case, homemsinho! E como é quasi certo que um figurão que escreve tanta asneira, tarde ou cedo haja de ser chamado, segundo o costume, a intervir nos negocios do Estado, estamos a vêr o epitaphio que a posteridade lhe fará gravar na sepultura:

—Aqui jaz F., que foi pae da patria estimo, e mãe de garotos exemplar.



Diz um jornal que o sr. Reis Damaso proseguia com a costumada vehemencia, os seus artigos da critica litteraria, nos jornaes hespanhoes, e agora dera na *Cravache Parisienne*, a biographia do poeta Gomes Leal. Dar a biographia d'um poeta n'um chicote... Já não duvidamos de que a obra do Damaso seja uma esculptura: uma esculptura em osso, no cabo... E nós a recalcarmos, cá dentro, pelo receio de sermos injustos, as analogias manifestas d'este critico, com o pentieiro da Rua Nova do Almada—o Celini da esquirola!



O *Diario de Noticias*, reproduzindo um telegramma de Roma, onde se descreve a inauguração do monumento ao grande martyr da liberdade do pensamento, põe-lhe por cima esta epigraphe: *Monumento a Bruno*.

Estamos encarregados de explicar á cidade, que a homenagem do povo italiano não teve em mira offender o sr. Bruno das esteiras. Sua Ex.<sup>a</sup> ha-de ter com toda a certeza, a sua hora de justiça. O Papa mesmo, fallou ha dias ao ministro portuguez, Martens Ferrão... Porque não ha duvida de que o Bruno portuguez seja hoje tão conceituado lá fóra, como o Bruno d'Italia, o Giordano. Este promulgou no campo da especulação scientifica, a liberdade das ideias; mas eis que o nosso, não menos alto, acaba de promulgar a liberdade da palha nas esteiras—o que é quasi dizer, a liberdade da palha nas familias.

×

E pelo que respeita a palha, com a dieta que o sr. Consiglieri Pedroso agora impoz aos muars do americano, não pôde uma pessoa trazer um chapéu d'ella na cabeça. Refere o *Globo* que uma das nossas princezas da moda, «gentilmente vestida, acenára a um conductor d'americano, pedindo-lhe parasse o carro, o que o empregado fez immediatamente. A dama aproximou-se, a ver se uma outra seguia a bordo do vehiculo: e diz o *Globo*, foi n'esta altura que todos os passageiros deram um grito d'espanto e horror. Uma das mulas tinha lançado os dentes ao chapéu da preciosa, e desandou a mascalo-o, como se elle fosse um molho de forragem. D'envolta c'o chapéu fóra uma trança, etc., etc...»

Detalhe extremo, que nós podemos apurar occultamente. O chapéu da senhora era feito d'uma lição do sr. Consiglieri.

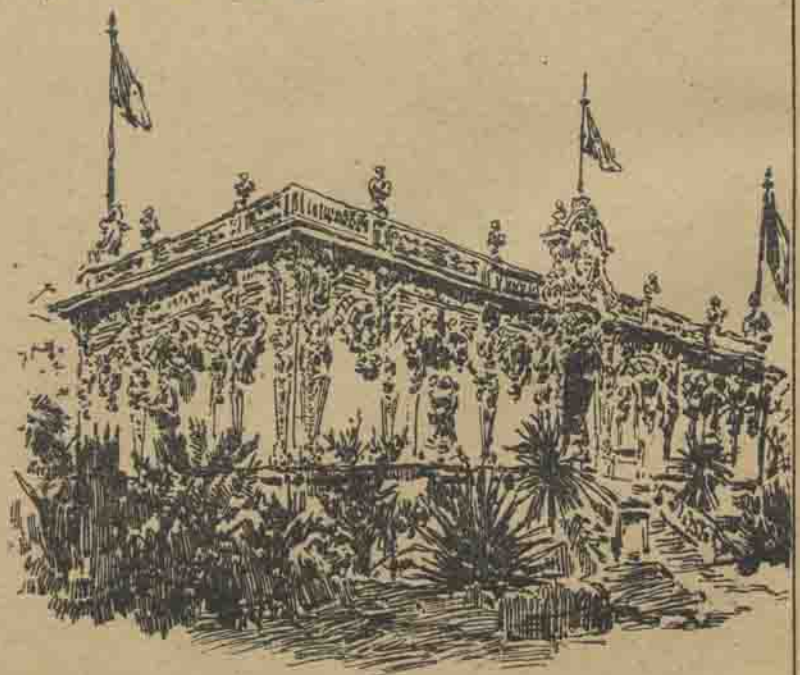
D'onde se apura, meninos, que a vingança tanto pôde ser o prazer dos deuzes fartos, como a providencia dos muars famintos.

IRKAN.

## EXPOSIÇÃO DE PARIS



Pavilhão da Republica de Salvador.



Pavilhão da Sociedade dos Pastellistas francezes.

# A vida de Santo Antonio A CONFISSÃO



I



II



III



IV



V



VI



VII



VIII

COPIADO DE ALGUM

## O COLYSEU OU L'ON S'AMUSE



Vindos de longas terras, abordam por acaso, paredes meias, n'um camarote do Colyseu, a francezinha loira que hoje tem vóga, graças ao favor d'um alto gentleman.



Um francez, que com elles vinha, promette-lhes o concurso da loira, n'uma ceia. E vai negociar. Recusa d'ella, com supplicas de a não comprometterem, perante o camarote do alto gentleman seu protector. Interven aqui um magriço, como é praxe historica, desde a historia dos Doze d'Inglaterra. E os dois engalfinham-se. Esquadra te valha!



Reconciliam-se finalmente na prisão. Onde estaria a franceza loira áquella hora? Os forasteiros chegadoz berdem o vapor.



E Magriço agora dandysa-se, comboiando do theatro a formosa Helena, causadora da guerra da zarzuela de Troia.